

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO**

DANIELA MALUHY KOPAZ

**JOVENS SURDOS: A INCLUSÃO**  
A Inclusão dos Deficientes Auditivos nas Escolas

São Paulo - 2019

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

DANIELA MALUHY KOPAZ

**JOVENS SURDOS: A INCLUSÃO**

A Inclusão dos Deficientes Auditivos nas Escolas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no  
curso de graduação em jornalismo na Universidade  
Presbiteriana Mackenzie

Orientador: José Alves Trigo

São Paulo - SP  
2019

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade do autor.

Quero agradecer a minha família que me apoiou durante todo o processo de gravação e edição do documentário. Um agradecimento especial a professora Dra. Denise Paiero e ao meu orientador, José Alves Trigo, por todo o suporte durante este percurso. E aos entrevistados que me atenderam com muito carinho e foram muito acessíveis.

Link no YouTube: <https://youtu.be/K3rJbJEdmYg>

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”

Fernando Pessoa

**Resumo:**

Este trabalho acadêmico é um documentário expositivo que aborda a inclusão dos deficientes auditivos nas escolas brasileiras. O tema é debatido com entrevistas que podem se opor ou concordar com fonoaudiólogos, professora infantil, coordenadora escolar, tradutora intérprete, quatro jovens surdos e a mãe de uma das adolescentes. O projeto tem como objetivo relatar a vida escolar das crianças e jovens surdos, e conscientizar as pessoas sobre este universo. Pesquisas foram feitas para entender e explicar este universo, sendo os principais autores que basearam a obra: José Willem Brasil Lima, Moisaníel Oliveira Pinheiro, Adriana de Moraes Silva, Kátia Solange Coelho, Bill Nichols, Mirlene Ferreira Macedo Damázio. Durante o curta-metragem alguns subtemas são abordados como: o elevado número de deficientes auditivos no Brasil, como uma escola tem que se portar para incluir essas crianças, a importância da Língua Brasileira de Sinais, depoimentos sobre a realidade das instituições brasileiras e meios para tentar recuperar a audição. O resultado do projeto foi um documentário que trouxe histórias sobre a falta de inclusão e uma discussão sobre a importância de uma tradutora intérprete na vida pessoal e social do surdo.

**Palavras-chave:** Deficientes auditivos, Surdos, Intérprete, Inclusão

**Abstract:**

This undergraduate thesis is an expository documentary that brings the inclusion of hearing-impaired in Brazilian schools. The theme is discussing with interviews that may oppose or agree with speech therapists, children's teacher, school coordinator, interpreter translator, four deaf young people and the mother of one of the teenagers. The project aims to report the school life of the kids and young people, and make people aware about this universe. Researches were made to explain this universe, being the main authors: José Willem Brasil Lima, Moisaníel Oliveira Pinheiro, Adriana de Moraes Silva, Kátia Solange Coelho, Bill Nichols and Mirlene Ferreira Macedo Damázio. During the short-film some subthemes are approached as: the high number of the hearing-impaired in Brazil, how the school has behave to include these children, the importance of Brazilian Sign Language, testimonials about the reality of Brazilian institutions and ways to try to regain hearing. The result of the project was a documentary that brought stories about lack of inclusion and a discussion about the importance of an interpreter translator in the deaf's personal and social life.

**Key words:** hearing-impaired, Deaf, Interpreter, Inclusion



## Sumário

Introdução	10
Referencial Teórico	13
<b>1.1 Quebra do Estereótipo</b>	13
<b>1.2 Linguagem dos Sinais</b>	15
<b>1.3 Intérprete</b>	15
<b>1.4 A Inclusão</b>	16
Desenvolvimento da Peça	18
Considerações finais:	23

## Introdução

O projeto de pesquisa, discutiu a inclusão das crianças e adolescente deficientes auditivos nas escolas do Brasil, com um olhar para os projetos e atividades que, no dia a dia, não notamos, mas fazem uma grande diferença. Como por exemplo uma simples legenda nos filmes, modificam a vida de milhões de pessoas, assim como um documentário que possa ser entendido por todos.

Em setembro de 2016 o Governo Federal, por meio do site do Ministério da Justiça e Cidadania, atualizou os dados sobre os surdos no país. Mais de 9,7 milhões de brasileiros sofrem com a perda da audição, sendo 2,1 milhões com surdez profunda e atinge um milhão de jovens até 19 anos. Para comemorar o Dia Nacional do Surdo, celebrada no dia 26 de setembro, ainda em 2016, o governo lançou uma pequena campanha sobre inclusão e a importância da linguagem dos sinais.

A importância do tema se deve ao fato de muitos profissionais, principalmente da educação, não terem o preparo necessário para lidar com o deficiente auditivo, seja ele oralizado ou mudo. De acordo com a Associação Brasileira dos Surdos Oralizados, são poucos os casos dos profissionais que buscam entender este meio e que estejam abertos a novas experiências. Este problema na educação não ocorre somente com os surdos, mas para eles, um professor explicar a matéria falando rápido ou virado de costas muitas vezes não se é compreendido. A educação dos surdos é um de seus maiores desafios.

A inclusão não se deve apenas nas escolas, há uma campanha chamada “Legenda para quem não ouve, mas se emociona” para colocar legendas em produtos áudio visual nacionais ou dublados e ajudar na inclusão de pessoas que não conseguem acompanhar a leitura labial nos filmes. Esta campanha foi lançada há 14 anos e não possui feitos significativos, já que a maioria dos filmes, principalmente os comerciais, não possuem legendas e a campanha é pouco divulgada na mídia. Em 2014 ocorreu uma outra tentativa de conscientização e campanha pelo direito a acessibilidade dos deficientes auditivos em autoescolas, por falta de intérpretes para ajudá-los a fazer a prova teórica do Detran.

A pergunta problema é: de que maneira pretendo fazer um videodocumentário de forma que seja compreensível para os deficientes auditivos, com imagens e legendas que complementem a explicação e ajudem o público na melhor compreensão dos fatos obtidos, para trazer sentimentos e emoções sem precisar da ajuda do som? “Pense. Experimente. Veja outros documentários e analise como diferentes cineastas abordam seu tema. As possibilidades são tão infinitas quanto sua imaginação”. (ARTIS, 2011, p. 9)

O objetivo principal do trabalho é conscientizar as pessoas das barreiras que os deficientes auditivos enfrentam no dia a dia, por meio de um videodocumentário explicando o cotidiano e as dificuldades que essas pessoas passam. Para chegar no objetivo principal, me baseio na vida de dois deficientes e procurar transmitir e relatar como a falta de inclusão os afeta. Procurar saber as histórias dos pais que tiveram que aprender a lidar com este processo e como eles olham para as instituições de ensino, sabendo das dificuldades dos filhos.

Fazer um tema sobre os deficientes auditivos nunca passou pela minha cabeça, pois sempre foi um assunto muito próximo a mim. Meu irmão não nasceu surdo, mas perdeu a audição após receber muitos medicamentos que afetaram seu sistema auditivo. Um documentário foi o meio que encontrei para melhor retratar este assunto, pois além de todos conseguirem acompanhar na tela, a legenda irá ajudar os deficientes e fazer com que todos consigam o compreender. Decidi fazer esse tema por já ter um conhecimento prévio e querer o aprofundar, não era minha primeira opção, mas conversando com meu irmão percebi que o tema era importante. É um assunto que não é muito tratado na mídia, convivendo com meu irmão eu vejo que não é simples, muitas coisas ainda precisam ser melhoradas, muitos professores não estão preparados e as leis são muito fracas para a população. Decidi fazer um documentário, pois acredito na criação visual como um modo de explicação: “*Separando mentalmente o normal do extraordinário em suas observações, você saberá o que é interessante e digno de ser filmado [...]*” (ARTIS, 2011, p. 9).

Fiz as entrevistas com uma fonoaudióloga para compreender o universo do surdo e a importância da linguagem dos sinais. A professora ajudou explicou como aprendeu a lidar com as pessoas e passar alguns dias convivendo com diferentes deficientes

para pesquisar e conhecer suas histórias com o foco de ajudar na inclusão social destas pessoas.

O documentário é uma forma de mostrar o tema e a importância do assunto para todos. Claramente um documentário dedicado aos deficientes auditivos precisa de cuidados e um modo que seja entendível para o principal público. “Os documentários de satisfação de desejos são o que normalmente chamamos de ficção. Esses filmes expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores”. (NICHOLS, 2001)

Um documentário não é algo totalmente planejado e previsível, muitas coisas podem acontecer durante a produção, mas os preparativos e surpresas o tornam algo real e espontâneo.

A tradição do documentário está profundamente enraizada na capacidade de ele nos transmitir uma impressão de autenticidade. E essa é uma impressão forte. Ela começou com a imagem fílmica bruta é a aparência de movimento: não obstante a pobreza da imagem e a diferença em relação à coisa fotografada, a aparência de movimento permaneceu indistinguível do movimento real. (NICHOLS, 2001, p. 51)

As pessoas com grande dificuldade de compreensão devido à ausência da audição, precisam saber que podem ter a capacidade de compreender um documentário. A fala é muito importante, mas são imagens que demonstram a indignação dos deficientes auditivos.

## Referencial Teórico

### 1.1 Quebra do Estereótipo

Com quase 10 milhões de deficientes auditivos no Brasil, as leis para a inclusão destas pessoas ainda são lentas e complicadas, apenas em 2015 os deficientes auditivos puderam ter os mesmos direitos que uma pessoa com qualquer outra deficiência. Com esta lei, os surdos terão direitos à reserva de vagas em concursos públicos e a Lei de Cotas (Lei 8.213/91), que determina a contratação de percentuais variados de pessoas com deficiência por empresas, proporcionalmente ao número de empregados. “Quando a criança nasce surda ou se torna surda em fase pós-natal precoce, devem ser criadas condições especiais para que aprenda a usar sua limitada audição, a fim de entender e produzir a palavra falada”. \*(MENDONÇA, 1999, p.11)

Como não é deficiência física, muitas pessoas não pensam em uma adequação para o deficiente auditivo. Nestes casos, não precisa se preocupar com o tamanho das calçadas ou com os postes no meio, mas sim com legendas de filmes entre outras coisas que não percebemos no nosso cotidiano, mas que para essas pessoas faz muita diferença. “Apesar de pouco investimento por parte do poder público, a educação especial no Brasil foi ganhando espaço lentamente através de criação de instituições’. (LIMA. PINHEIRO. SILVA, 2019, p.29)

A normalidade e os estereótipos não são ignorados nas escolas. As instituições de ensino não possuem um modo específico de como tratar um deficiente auditivo, o que faz com que estas pessoas tenham que se adaptar e dificulta o aprendizado por não serem como as outras.

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos. (MANTOAN, 2003, p.12)

Com a dificuldade para escutar sons simples como o barulho das ondas, as crianças surdas sentem dificuldade para compreender os professores e, com isso, o aprendizado se torna um dos maiores desafios. As estruturas das escolas não

comportam o obstáculo que os deficientes auditivos precisam superar para poder aprender. “As pessoas com surdez enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar, decorrentes da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas”. (DAMÁZIO, 2007, p. 13)

Em algumas escolas há intérpretes para o melhor aprendizado das crianças e adolescentes surdos, mas nem todos são favoráveis a este tipo de apoio. Alguns professores formados em pedagogia defendem a tese e alegam que estas pessoas que sofrem com a deficiência auditiva acabam ficando dependentes. Apesar disso, a preparação e o apoio que a instituição dá ao aluno é fraca.

Não se podia garantir a existência de um espaço inclusivo apenas colocando o deficiente na rede regular de ensino, mas, sim, por meio de preparação para dar conta de trabalhar de maneira democrática a diversidade que se encontrava em seu interior. (LIMA. PINHEIRO. SILVA, 2019, p. 33)

O preconceito social com uma pessoa surda muitas vezes pode estar disfarçado, mas é perceptível em entrevista de emprego, conversas entre amigos e até mesmo na própria explicação sobre as matérias ensinadas em sala de aula pelos professores. Essas pessoas são deixadas de lado por uma parcela da sociedade que nem sempre percebe a gravidade da situação.

Não é apenas a escola acertada de um termo que elimina os preconceitos sociais. Os preconceitos podem estar disfarçados até mesmo nos discursos que dizem assumir a diferença e a diversidade. (GESSER, 2010, apud COELHO, 2012, p.5)

Os pais demoram para aceitar a deficiência da criança já que a comunicação e o meio de aprendizagem têm que ser revistos e repensados, para adaptarem o filho a própria realidade.

A deficiência auditiva traz muitas limitações para o desenvolvimento do indivíduo. Considerando que a audição é essencial para a aquisição da linguagem falada, sua deficiência influi no relacionamento da mãe com o filho e cria lacunas nos processos psicológicos de integração de experiências, afetando o equilíbrio e capacidade normal desenvolvimento da pessoa. (REDONDO, CARVALHO, 2001, p.5)

A surdez traz certas limitações ao indivíduo e cabe a quem o cuida de o integrar ao máximo na sociedade. Um surdo não é como um autista que vive em seu próprio

mundo, ele não quer ser excluído, mas em vários casos a relação paternal fica enfraquecida por conta das lacunas existentes.

## 1.2 Linguagem dos Sinais

Mesmo sendo um caso obrigatório, a maioria dos professores não possui experiência com linguagem dos sinais. “Na escola comum, é ideal que haja professores que realizem esse atendimento, sendo que eles precisam ser formados para ser professor e ter pleno domínio da Língua de Sinais”. (DAMÁZIO, 2007, p. 26)

É claramente nítido que não se encontra este tipo de atendimento nas escolas. Os professores muitas vezes tratam o aluno como qualquer outro, quando ele precisa de uma devida atenção. “Surdez é a privatização parcial ou total do sentido de ouvir. Essa perda de audição dificulta a compreensão e a comunicação da pessoa afetada”. (FERNANDES, 2003, p.5 apud COELHO, 2012, p.36)

O movimento para tentar incluir o surdo na sociedade comum trouxe resultados após a Língua Brasileira de Sinais.

Entre os mais jovens, e particularmente entre aqueles que apresentam perdas auditivas profundas, existe um movimento para que assumam a própria surdez. Lutam por seus direitos e buscam divulgar a Língua de Sinais Brasileira (LSB), mostrando que se trata de uma língua com regras próprias, como a língua portuguesa. (REDONDO, CARVALHO, 2001, p. 14)

As pessoas que fazem parte da comunidade se comunicam entre si, mas continuam a passar dificuldades para falar com outras pessoas. A facilidade da língua fez com que os surdos tivessem mais chances de lutar pelos seus direitos.

## 1.3 Intérprete

As intérpretes são uma grande ajuda aos deficientes auditivos. São pessoas que se dedicam todas as horas de trabalho a quem não tem condições de escutar. Nas escolas, as profissionais são muito respeitadas, mas poucas escolas realmente as usam, mesmo que seja obrigado por lei.

Algumas instituições de ensino que possuem intérprete, são criticadas por alunos que não conseguem entender sem elas e se dizem totalmente dependentes dessas profissionais.

As pessoas confundem o trabalho das intérpretes por não entenderem suas funções, mas quem realmente necessita dessas pessoas, diz que seus trabalhos são essenciais para uma continuação da inclusão dos deficientes auditivos, principalmente nas escolas. “Os intérpretes existem desde a antiguidade, assim como os tradutores, com quem são frequentemente confundidos; o tradutor trabalha com a palavra escrita, o intérprete com a palavra falada”. (PAGURA, 2003, p.210)

Apesar de não ser bem visto para algumas pessoas, crianças surdas agradecem pela presença do intérprete em sala de aula. Os profissionais são importantes para a facilidade de compreensão desses jovens na escola.

#### **1.4 A Inclusão**

A inclusão nas escolas parece estar em uma realidade distante quando conversamos com os deficientes auditivos. Algumas crianças precisaram mudar diversas vezes de escola para conseguirem um lugar que as aceite e as de a devida atenção.

A inclusão apresenta-se como uma proposta adequada para a comunidade escolar, que se mostra disposta ao contato com as diferenças, porém não necessariamente satisfatória para aqueles que, tendo necessidades especiais, necessitam de uma série de condições que, na maioria dos casos, não têm sido propiciadas pela escola. (LACERDA, 2006, p.166)

Uma escola inclusiva chamada Brascri, concedeu uma entrevista para explicar o objetivo da inclusão nas salas de aula e a importância para preparar as crianças para um mundo social. Apesar das aulas serem apenas em LIBRAS, a instituição visa focar no aprendizado dos alunos que possuem uma certa dificuldade para compreender os professores que não falam por linguagem dos sinais. Os surdos conquistam seus espaços, mas ainda são deixados de lado por uma pequena parcela da sociedade que não consegue entender a importância da inclusão e do



quando esses jovens precisam de apoio para segurem suas vidas, por exatamente não fazerem parte deste mundo e não terem uma visão concreta sobre ele.

Atualmente, percebe-se que os surdos vêm conquistando espaço na sociedade, passando a ter assegurados seus direitos civis e seu acesso à educação, entre outros. Isso significa dizer que alguns estigmas já começaram a dar lugar a uma visão mais ampla e esclarecida sobre o papel do deficiente em geral na sociedade, sendo assim, os surdos passaram a conquistar cada vez mais espaço em diversas esferas sociais. (LIMA. PINHEIRO.SILVA, 2019, p.47)

Apesar do avanço em diversas áreas, os surdos ainda sofrem preconceito ao tentar arrumar emprego em locais que deveriam incluir essas pessoas. A inclusão nas escolas é por onde está educação deveria começar.

## **Desenvolvimento da Peça**

A linguagem do documentário é expositiva, trazendo perfis de pessoas com deficiência auditiva e humanizando a vida deles como um modo de resgatar a realidade vivida que é escondida pelo medo e repressão. Com impressões subjetivas, atos incoerentes e associações vagas, o vídeo trata a abordagem humana diante destas pessoas e seus relacionamentos, com explicações de profissionais da área.

O documentário expositivo foca em trazer preocupa-se com os argumentos e tem como marca a objetividade. Os fatos são narrados de maneira que a argumentação continue viva e da melhor maneira para explicar ao público. O curta metragem não se preocupa tanto com a estética e as imagens limitam-se a confirmar pela argumentação que é narrada. “Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão de ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham um papel secundário”. (NICHOLS, 2001, p.143)

As fontes usadas para o projeto são baseadas na especialidade e convivência com as pessoas principais. A fonoaudióloga foi uma das responsáveis pela divulgação e adaptação da Língua Brasileira de Sinais e há 30 anos ensina crianças surdas a falarem, seja oralizado ou por libras.

Outra fonte para o documentário será uma professora, que dá aula para crianças com até seis anos de idade e fez cursos sobre fonoaudiologia para poder compreender melhor um aluno surdo que havia entrado em sua sala. A educadora comentou como e porque decidiu fazer o curso para ajudar apenas uma pessoa e como esta especialização melhorou seu desempenho acadêmico e pessoal.

A menina que inicia o documentário se chama Ana Vitória e estudou em diversas escolas para crianças antes de se fixar em uma instituição que a acolheu. A jovem de 18 anos contou que seus pais não gostaram de quando ela foi para um colégio apenas para surdos, já que eles queriam que ela se interagisse com outras pessoas. O relato da menina deixou claro a percepção dos pais no assunto.

O outro deficiente auditivo teve uma história completamente diferente de Ana Vitória. Maurício sempre estudou em uma escola inclusiva, mas percebia que os professores não estavam aptos a compreendê-lo e ensiná-lo da maneira correta. O estudante de 20 anos não fala oralmente e sua comunicação é somente por meio da libras.

Os pais das crianças foram ouvidos, para entendermos como foi receber a notícia de que a criança era surda e os principais desafios para estas pessoas em criar e incluir seus filhos na sociedade. O assunto da inclusão na escola foi abordado, mas de um modo que a mãe e os jovens pudessem dar seus depoimentos e olhares sobre as instituições de ensino.

Eu trabalhei sozinha para procurar fontes e fazer as entrevistas. Precisei de uma ajuda com a câmera para poder dar uma melhor imagem e som ao documentário. Pedi ajuda ao meu irmão, minha maior inspiração. Fui a diretora do projeto e consegui o editar sem ajuda de terceiros. As imagens de apoio foram pensadas para fazerem sentido com as entrevistas e narração.

Os profissionais do documentário falam a mesma língua no que diz respeito a seu trabalho. Como outros profissionais, têm um vocabulário ou jargão próprio, que pode estender-se da conformidade de vários tipos de película a diferentes situações até as técnicas de gravação de som direto, e da ética da observação do outro à pragmática da localização de distribuidores e da negociação de contratos de trabalho. (NICHOLS, 2001, p. 53)

Para a edição do curta metragem, eu usei os programas existentes nos computadores da Universidade Mackenzie. Não precisei de ajuda para a roteirização final, que foi feita após todas as entrevistas terem sido gravadas e pensadas para que o vídeo possua uma compreensão, interagindo a fala do profissional, com o depoimento de uma criança surda e a intérprete ilustrando o tema.

O desenvolvimento do roteiro se deu no decorrer das gravações sendo que, um documentário é dificilmente planejado por inteiro, mas tem partes pensadas e roteirizadas previamente. O planejamento da maioria da peça foi feito na hora das gravações, ficando dependente das falas dos entrevistados, que não possuíram nenhuma interferência da diretora.

Estão entre as normas e convenções comuns a muitos documentários. Outra convenção é a predominância de uma lógica informativa, que organiza o filme no que diz respeito às representações que ele faz do mundo histórico. Uma forma típica de organização é a da solução de problemas. Essa estrutura pode se parecer com uma história, particularmente com uma história de detetive: o filme começa propondo um problema ou tópico; em seguida, transmite alguma informação sobre o histórico desse tópico e prossegue com um exame da gravidade ou complexidade atual do assunto. (NICHOLS, 2001, p. 54)

Para fazer as entrevistas, uma série de procedimentos foram necessários. Os entrevistados precisavam se sentir confiantes e livres para falar e se expressarem da maneira que quisessem, principalmente os personagens que são as crianças surdas. Para estas crianças poderem se sentir desprendidas, uma conversa e conhecimento dos entrevistados foi necessário antes de qualquer entrevista ou pergunta. Por já ter conhecimento com a deficiência destas pessoas, as entrevistas fluíram mais levemente, entretanto, não foi apenas uma vez, então fiz elas entenderem o motivo e quais os fins que o documentário pretendia levar, era essencial.

As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que as estruturam. (NICHOLS, 2001, p. 160)

Houve tentativas de entrevistas com uma escola não-inclusiva sendo: o colégio Domus Sapientiae, localizado em um bairro nobre da Zona Sul de São Paulo. Conversei com a diretora da instituição, mas não tive retorno positivo com nenhuma resposta. A funcionária não respondeu nenhuma pergunta e colocava outros assuntos para não assumir a falta de inclusão. A escola não possui intérprete e teve apenas um deficiente auditivo em 20 anos de casa.

A diretora de uma escola para crianças deficientes auditivas chamada Brascri, concedeu uma entrevista. A funcionária da instituição pública não permitiu a gravação das crianças, por isso apenas as salas de aulas vazias foram filmadas.

O projeto não teve vínculo com nenhum veículo. Ele foi independente e contou apenas com o decorrer das falas para seguir e explicar, sem quaisquer interferências e com o olhar mais neutro possível.

Como não é deficiência física, muitas pessoas não pensam em uma adequação para o deficiente auditivo e o documentário pretendeu mostrar como vivem e quais os modos que as pessoas podem ter para ajudar os deficientes. Essa ajuda não precisa ser para atravessar uma rua, entrar no ônibus ou para ler, mas para os surdos, as pequenas coisas importam.

As legendas foram necessárias para um documentário que fala sobre os deficientes auditivos. É nítido perceber que nem todos os filmes é compreendido por estas pessoas, por não escutarem a dublagem e não possuir uma legenda nos mesmos. Um grupo de mães destes deficientes se mobilizou para pedir uma melhor adaptação dos filmes nacionais, por serem complicados de entender fazendo a leitura labial e não possuírem legenda por não se tratar de longas internacionais.

A peça trouxe depoimentos destas pessoas para relatar como elas se sentem assistindo um filme. Coisas simples, que para qualquer um seria bobagem colocar legenda em filme nacional, são os principais desafios para eles.

Este tipo de documentário, que procura trazer as verdades e pontos de vistas diferentes, trouxe uma linguagem expositiva e pouco narrada. O objetivo da peça era mostrar como pessoas, que possuem a deficiência auditiva, olham o meio em que vivem e qual a perspectiva para possíveis mudanças no futuro.

Para uma melhor compreensão, a linguagem não foi apenas falada e possui legendas, que são fundamentais para uma melhor compreensão dos surdos, principalmente quando as vozes são ocultas e não se é possível fazer a leitura labial. “O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história”. (NICHOLS, 2001, p.142)

Desta forma, o documentário trouxe um lado mais humano e explicativo destas pessoas que sofrem com a perda de audição, se dirigindo diretamente a elas e a quem procura entender melhor o lado de quem não possui um dos cinco sentidos.

Eu quis trazer no documentário o surdo de um modo que as pessoas nunca viram. Eu pretendi relatar os principais enfrentamentos destas pessoas que, para muitos, não se é percebido. Todo mundo se preocupa com o tamanho das calçadas, em dar passagem para cego e isso está correto, mas como a deficiência destas pessoas não é algo que se possa ver, as suas dificuldades também se passam despercebidas. Coloquei algumas fotos da professora e fonoaudióloga Elaine Melo para dar um espaço a estas pessoas que se dedicam e procuram se aperfeiçoar no assunto.

### **Considerações finais:**

O desenvolvimento do presente estudo tentou explicar como crianças que sofrem com a perda de audição, continuam sendo ignoradas por diversas instituições de ensino, inclusive alguns que se dizem abertas para quaisquer alunos.

A inclusão dos deficientes auditivos nas escolas parece algo distante da nossa realidade. Ao fazer as entrevistas percebi que mesmo aqueles que sempre lutaram por um mundo igualitário, são deixados de lado e acabam sofrendo punições de uma sociedade preconceituosa.

As perguntas aos entrevistados foram livres o que possibilitou uma diversidade de histórias diferentes, mas com explicações semelhantes e que complementavam os depoimentos dos surdos. Coloquei legenda no vídeo para que o público-alvo conseguisse entender as histórias e, já que não são todos os surdos que usam linguagem dos sinais, colocar libras seria excluir uma parcela dessas pessoas. Estou falando de inclusão, todos conseguem ler, mas nem todos entendem LIBRAS.

O assunto não é muito tratado na mídia, são raros os casos de entrevistas exclusivas ou matérias que abordem as crianças surdas no Brasil. Apesar do grande número de pessoas afetadas, os veículos de comunicação falam sobre apenas em datas comemorativas, como no Dia Nacional do Surdo em 26 de setembro, ou quando coisas de grande repercussão acontecem; como quando a primeira-dama do Brasil, Michele Bolsonaro, discursou para os surdos na posse de seu marido. A reação da mídia foi imediata, mas 11 meses depois, o assunto foi deixado de lado.

**Referencial Bibliográfico:**

Apesar de avanços, surdos ainda enfrentam barreiras de acessibilidade, 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/09/apesar-de-avancos-surdos-ainda-enfrentam-barreiras-de-acessibilidade> /Acesso em 14 de Agosto de 2018

Associação Brasileira dos Surdos Oralizados, página. Disponível em: <https://www.facebook.com/AbrassoBr/> Acesso em 15 de Agosto de 2018

ARTIS Anthony Q. Silêncio – Filmando! Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

COELHO, Kátia Solange. Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, 2012.

CONCEIÇÃO, Juliano Cássio da Silva. Música como proposta de educação inclusiva. Monografia apresentada no curso de especialização em estudos da linguagem aplicados à educação de surdos da Universidade Federal do Pará, 2012.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. Pessoa Com Surdez, 2007.

Diagnóstico precoce na deficiência auditiva, 1999. Disponível em:

<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/06/diagnostico-prococe-em-surdos.pdf> / Acesso em 20 de setembro de 2018

A inclusão de surdos na perspectiva dos estudos culturais. Disponível em:

<https://portaldossurdos.webnode.pt/news/a-inclusao-de-surdos-na-perspectiva-dos-estudos-culturais/> / Acesso em 19 de setembro de 2018

Inclusão social do deficiente auditivo, 2012. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/inclusao-social-do-deficiente-auditivo-um-desafio-a-sociedade/15565> /Acesso em 14 de Agosto de 2018

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de Cedes, vol. 26, n.69, p.166, 2006.

Legenda para quem não ouve, mas se emociona, 2014. Disponível em: <https://cronicasdadasurdez.com/legenda-para-quem-nao-ouve-mas-se-emociona/>

Acesso em 15 de Agosto de 2018



LIMA, José Willem Brasil. PINHEIRO, Moisaníel Oliveira. SILVA, Adriana de Moraes. Surdez e Inclusão Educacional, 2019

MANTOAN, Maria Teresa Egler. Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer? 2003

MENDONÇA, Claudia Longman. Diagnóstico Precoce da Deficiência Auditiva, 1999.

NICHOLS Bill. Introdução Ao Documentário, 2001.

PAGURA, Reynaldo. A Interpretação de Conferências: Interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. 2003.

Pessoa Com Surdez, 2007. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae\\_da.pdf/](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_da.pdf/) Acesso em 20 de setembro de 2018

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... O que é mesmo documentário? 2008, p. 22 apud DIAS, Rodrigo Francisco. Em busca da definição: Mas afinal... O que é mesmo documentário? De Fernão Pessoa. 2009.

REDONDO, Maria Cristina. CARVALHO, Joselina Marins. Deficiência Auditiva, 2001.

Surdos fazem campanha por direito à acessibilidade <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/07/surdos-fazem-campanha-por-direito-acessibilidade-em-auto-escolas.html/> ade em autoescolas, 2014. Disponível em: Acesso em 20 de agosto de 2018